



O AVESSO DE CAPIXABA

CRÔNICAS DE UMA UNIDADE REVERSA
NO LIMIAR DA AMAZÔNIA



A Unidade Reversa é uma observadora com profundo conhecimento interno da realidade local, mas que adota uma perspectiva crítica e introspectiva. O livro é uma obra criativa que transcende o registro documental simples

REALIZAÇÃO: ANTONIA DO N. BARBOSA

APOIO: SECRETARIA
DE CULTURA



© 2026 por Antonia do Nascimento Barbosa.

Todos os direitos reservados.

PRODUÇÃO EDITORIAL

Autora, Designer e Produtora Executiva da Obra: Antonia do Nascimento Barbosa

Assistência de Produção e Mídias: Emilly Felícia Barbosa de Oliveira

AGRADECIMENTOS INSTITUCIONAIS

Este livro digital é o resultado do projeto "O Averso de Capixaba: Crônicas de uma Unidade Reversa no Limiar da Amazônia", selecionado e financiado pelo Edital de Cultura do Município de Capixaba/AC, na Categoria I – Arte, Patrimônio e Audiovisual para Iniciantes. A autora expressa sua gratidão à Prefeitura de Capixaba, através da Secretaria Municipal de Cultura e Planejamento e a todos os cidadãos capixabenses que, consciente ou inconscientemente, teceram as linhas destas crônicas.

DEDICATÓRIA

Antes de qualquer agradecimento ou dedicatória, agradeço a Deus pela oportunidade de estar viva e escrevendo essa obra que é com certeza algo inspirado por Ele.

Agora vamos lá!

Dedico esta obra, com todo o meu amor e gratidão, àqueles que são a estrutura e a verdade da minha vida:

À minha filha, Heloíse, que me enxerga como seu Norte e que encontra em mim uma âncora firme e o cais seguro para jamais se deixar ir. Saiba que você é o meu motivo mais bonito para permanecer.

Aos meus pais, que com sua simplicidade generosa me oferecem um porto seguro inabalável, acolhendo-me sempre e fazendo com que eu me sinta, em cada abraço, uma filha profundamente especial.

Ao meu esposo, que enxerga o meu potencial muito antes de mim mesma conseguir avistá-lo; que silencia minhas dúvidas com o seu apoio e acredita, sem hesitar, que sou capaz de realizar coisas grandiosas.

E, finalmente, aos contadores de histórias cujas vozes o tempo tenta apagar, e a todos aqueles que, em meio ao caos criativo da vida, insistem em olhar para o mundo pelo avesso, assim como eu. Àqueles que, mesmo sem saber, seguraram as minhas mãos no avesso e no direito, em cada travessia dessas crônicas. A vocês, o meu mais profundo e eterno agradecimento.

"O avesso das coisas guarda uma clareza que o lado direito costuma disfarçar." — Anônimo

SUMÁRIO

NOTA DA UNIDADE REVERSA	7
CRÔNICA 01.....	8
O Averso do Gavião: Crônicas de um Limiar Desenhado na Bandeira	8
CRÔNICA 02.....	10
O Dono das Madrugadas: O Passo Solitário na Estrada de Seringa	10
CRÔNICA 03.....	12
O Averso do Gavião e a Contagem do Destino: Crônica de uma Escolha	12
CRÔNICA 04.....	14
A fronteira: O Limiar da Linha Imaginária.....	14
CRÔNICA 05.....	16
A Cidade Invisível aos Dados: Notas de uma Unidade Reversa	16
CRÔNICA 06.....	17
O Fiador da Aurora: Crônicas do Pão na Cerca.....	17
CRÔNICA 07.....	19
O Santuário do Cachimbo de Açúcar: A Invasão Mansa do Pasto Alheio	19
CRÔNICA 08.....	21
O Elo Elétrico: Crônicas do Poste da Praça	21
CRÔNICA 09.....	23
O Maestro das Pedras Pretas: A Espera de Seu Damião	23
CRÔNICA 10.....	25
O Alicerce Invisível: Quem Sustenta a Coluna Da Casa?.....	25
CRÔNICA 11.....	27
Os Sentinelas do Barranco: O Tempo Suspenso no Rio Acre.....	27
CRÔNICA 12.....	29
O Despertar das Folhas: A Sinfonia Do Chão Rural.....	29
CRÔNICA 13.....	31
A Sinfonia dos Altares: O Sagrado de Capixaba	31
CRÔNICA 14.....	32
Os Olhos de Algodão do Ramal Brasil-Bolívia: A Sentinela da Fronteira	32
CRÔNICA 15.....	34
A Colcha de Retalhos: A Grande Varanda de Capixaba	34
CRÔNICA 16.....	36

As Janelas da Saudade: O Mundo que Ninguém Vê	36
CRÔNICA 17.....	38
Os Conquistadores do Vento: A Cidade Vista Do Alto Da Torre	38
CRÔNICA 18.....	40
A Bagagem do Averso: O Êxodo dos Filhos de Capixaba	40
CRÔNICA 19.....	42
O Santuário Escondido do Muro Verde: A Paz Que Habita ao Lado Da Cura	42
CRÔNICA 20.....	44
O Porto Seguro e o Trunfo Escondido: O altar de Dona Liquinha.....	44
CRÔNICA 21.....	46
A Primavera Humilde: Onde a Cidade Floresce Pelas Margens.....	46
CRÔNICA 22.....	48
O Tabuleiro dos Contrastes: As Contradições do Chão Capixabense	48
CRÔNICA 23.....	50
Janelas de Ônibus, Retratos de Chão: A Moldura Invisível do Êxodo	50
CRÔNICA 24.....	52
O Galope do Medo: Um Encontro Invisível no Ramal	52
CRÔNICA 25.....	54
O Ritual da Cacimba: Onde a Água e a Vida se Encontram Descalças	54
CRÔNICA 26.....	56
Chão Batido: A Crônica do Futebol Capixabense.....	56
CRÔNICA 27.....	58
As Digitais Dos Antigos: O Mistério Sagrado dos Geoglifos	58
CRÔNICA 28.....	60
Papai Noel de Saias: O Natal Solidário de Dona Estela.....	60
CRÔNICA 29.....	62
O Livro de Chão e Folhas: Considerações Finais de uma Unidade Reversa	62
CRÔNICA BÔNUS	64
Um Convite Para Escrever	64



NOTA DA UNIDADE REVERSA

Dizem que para conhecer uma cidade basta olhar seus cartões-postais ou folhear seus dados estatísticos. Este livro propõe um outro caminho, dando vez ao olhar reverso, pois a história também se esconde nos detalhes mais sutis do cotidiano de um povo.

Escrever sobre o lugar onde vivi praticamente toda a minha vida é um exercício de profundo afeto e descoberta. Esta obra de não-ficção criativa nasce justamente da necessidade de ir além da superfície documental simples. Propor-se a ser uma *unidade reversa* nesta engrenagem significa aceitar uma condição desafiadora e fascinante: a de ser uma observadora com profundo conhecimento interno da realidade local, mas que escolhe adotar uma perspectiva sensível, íntima e introspectiva. É o olhar de quem está dentro, mas mantém os sentidos atentos ao cotidiano; de quem faz parte do todo e decide usar a subjetividade e a escrita literária como ferramentas para revelar a identidade complexa e o patrimônio imaterial de nossa gente.

As crônicas e ensaios que compõem esta obra são fragmentos desse espelho invertido. São tentativas de capturar a riqueza da nossa cidade através das transformações do desenvolvimento, das pequenas coisas do dia a dia e da vasta subjetividade de quem observa a fronteira não como um fim, mas como o exato lugar onde tudo começa.

Convido você a desarmar os olhos e a enxergar, junto comigo, o que existe do outro lado da costura. Bem-vindo ao avesso.

Antonia do Nascimento Barbosa



CRÔNICA 01

O Averso do Gavião: Crônicas de um Limiar Desenhado na Bandeira

O gavião, hoje, é um traço oficial, um desenho imponente sobre o céu de Capixaba. Ele voa solene na bandeira de Capixaba, prometendo dignidade e memória. Mas o avesso, o que a "unidade reversa" enxerga, não é o voo heráldico; é o rastro antigo da história da borracha e o silêncio que hoje abraça a mata.

Capixaba, antes de ser este ajuntamento de ruas e de ser esta promessa de município, foi o Seringal Gavião. E é preciso sentir o peso dessa mudança de nome para entender o que somos. Não é só uma troca de placa; é uma transmutação cultural.

Antigamente, o Gavião não era um símbolo de papel. Era um território vivo, cortado pelos caminhos de sangue e suor do látex. O gavião, a ave, pairava sobre a mata, testemunha silenciosa das duras leis da seringueira: a dívida, a caderneta, a submissão. Aquele era um nome nascido da natureza selvagem e da exploração humana, um nome que falava de um ciclo produtivo feroz e de uma hierarquia rígida.

E o que fizemos? Transformamos a fazenda em cidade e o seringal em município. O nome do Gavião permaneceu, mas foi polido. Passou de grito da floresta a estampa oficial. É quase como se tivéssemos capturado o espírito indomável do seringal e o tivéssemos domesticado para caber no mastro da bandeira.

Hoje, quando a bandeira tremula, vejo o paradoxo. O Gavião no tecido não representa mais o cheiro forte da borracha crua nem o gemido da seringueira cortada. Ele representa a memória filtrada que escolhemos ostentar: a força, a vigilância, a altivez.

Mas a unidade reversa se pergunta: onde está o avesso?

O avesso de Capixaba é a crônica daquele seringueiro que viveu e morreu para alimentar a indústria do látex, e cuja história não cabe na formatação limpa da bandeira. É a lembrança de que o desenvolvimento veio, sim, mas pisando sobre os caminhos abertos pela dor.

O Gavião voando na bandeira nos convida a lembrar que estamos no Limiar: entre o passado que era a exploração da matéria-prima e o

presente que busca a identidade. Olhar para a bandeira de Capixaba é fazer um pacto: honrar o símbolo

o, sim, mas sem jamais esquecer o avesso histórico que lhe deu origem. O Gavião nos lembra que somos o que fomos. E só entendemos a liberdade do voo se reconhecemos a terra onde um dia estivemos presos.



CRÔNICA 02

O Dono das Madrugadas: O Passo Solitário na Estrada de Seringa

Muito antes de o asfalto da avenida principal ser desenhado e de as grandes lavouras de grãos mudarem a cor do horizonte, o tempo em Capixaba era medido pelo ritmo silencioso dos passos de um homem só. Para a nossa "unidade reversa", que teima em buscar as origens gravadas no tronco das árvores, a verdadeira fundação deste chão começou no escuro da madrugada, na sola do sapato do seringueiro.

Enquanto a floresta ainda dormia sob o cobertor úmido do sereno, o seringueiro já estava de pé. A rotina não esperava o sol; começava às três ou quatro da manhã, na cozinha aquecida pelas primeiras brasas do fogão a lenha. Com um gole de café preto e forte para espantar o frio da neblina, ele ajustava a *poronga* na testa, aquela pequena lanterna de querosene cuja luz trêmula rasgava a escuridão como se fosse um vaga-lume teimoso.

Entrar na "estrada de seringa" a essa hora era um ato de coragem e intimidade com o mistério. A floresta, naquele horário, não era um espaço hostil, mas uma catedral silenciosa e imensa. O seringueiro caminhava descalço ou com seus sapatos feitos de seringa ou alpercata por trilhas que só ele conhecia, guiado pelo faro, pelo som dos galhos e pela memória do chão. Cada seringueira era uma velha conhecida, batizada por ele, que o esperava na penumbra para o abraço diário.

O trabalho era de uma delicadeza quase cirúrgica. Com a faca de riscar na mão, o seringueiro aproximava-se do tronco e fazia o corte preciso, na inclinação exata para não ferir a madeira profunda. Dali, brotava o choro branco e viscoso do látex, que começava a pingar na tigela de flandres com um som compassado. Era o próprio coração da floresta batendo em gotas puras. Depois de percorrer quilômetros coletando o leite da terra e carregando o peso nos baldes, o seringueiro iniciava o caminho de volta para casa. O corpo vinha cansado, impregnado com o cheiro forte da fumaça do fumeiro e do látex coalhado, mas a alma trazia a calma mansa de quem cumpriu o seu papel.

Hoje, as estradas de seringa viraram ramais de piçarra e pastos abertos, mas a figura do seringueiro continua viva no DNA de Capixaba. Eles foram

os primeiros escritores deste grande livro que é o nosso município, riscando na casca das árvores os parágrafos iniciais da nossa história. Lembrar desse homem que vencia a madrugada é resgatar a nossa essência mais bonita: a de uma gente que aprendeu, desde os primórdios, a caminhar em harmonia com a floresta e a tirar da terra, com respeito e paciência, o sustento da vida.



CRÔNICA 03

O Avesso do Gavião e a Contagem do Destino: Crônica de uma Escolha

O gavião paira na bandeira, mas a verdade mais saborosa de Capixaba não está no céu, está no chão, nas urnas improvisadas de nosso passado.

Capixaba, eu te vejo. Não como a cidade recém-nascida, mas como o Seringal Gavião que te antecedeu, um nome forte, selvagem, cortado pelas estradas de borracha. E depois, como a Vila que tentava se erguer, buscando uma certidão de nascimento menos suada e mais promissora.

A votação, 3um dos nossos maiores tesouros imateriais, foi uma crônica de sabedoria popular. A transição do Gavião, a ave da mata, para o município atual, não foi decidida por caneta e papel, mas por grãos.

O povo foi convocado. Duas opções: Vila Santo Antônio ou Vila Capixaba. Dois destinos em jogo, postos à votação de uma forma que só a simplicidade e a genialidade da Amazônia são capazes de engendrar: carozos de milho e feijão.

O milho, dourado, farinhento, talvez mais associado à subsistência imediata, representava, digamos, Santo Antônio. O feijão, escuro, nutritivo, base da dieta e símbolo de fartura e resistência, representava Capixaba.

Os seringueiros e as famílias do novo núcleo urbano, não votaram com cédulas, mas com o peso tátil dos grãos na mão. Era uma escolha física, palpável, direta. E a unidade reversa imagina a cena: a mão calejada depositando, no pote de vidro ou na cuia, o grão que selaria o futuro. O som seco do milho ou o tom mais denso do feijão caindo e somando destino.

E o feijão venceu.

O nome Capixaba, que remete ao natural do Espírito Santo, mas que aqui se enraizou para significar *o dono, o morador, o daqui*, floresceu, não por acaso, mas por contagem simples e democrática.

Mas vale ressaltar que a história da nossa fundação é tecida com camadas. A unidade reversa observa que, embora o nome civil do santo tenha perdido a disputa do feijão, ele permaneceu como a âncora espiritual do município.

Santo Antônio, o preterido na votação do nome da Vila, é hoje o santo padroeiro de Capixaba.

Que ironia delicada, que síntese cultural! Somos um município nomeado pelos feijões (pelo clamor popular, pelo local) e abençoado por Santo Antônio (pela tradição religiosa, pelo universal). O nome popular se impôs sobre a denominação religiosa, mas a fé manteve o santo no centro de nossa devoção.

O gavião na bandeira, o feijão na votação e Santo Antônio no altar.

Esta complexidade nos define. O Avesso de Capixaba está justamente nesta dupla herança: a autonomia de uma comunidade que escolheu seu nome pelo voto da terra, mas que manteve a reverência pela tradição. Somos um lugar onde o pragmatismo do feijão e a devoção do Santo convivem, ambos, no limiar de uma história ainda em construção.

É essa mistura de fé e voto popular, de seringal e agricultura, que faz do nosso município uma crônica inesgotável. E isso é, inegavelmente, o nosso avesso mais autêntico.



CRÔNICA 04

A fronteira: O Limiar da Linha Imaginária

Há quem pense que a fronteira é um muro, uma cicatriz ou um ponto final. Quem vive no limiar da Amazônia, contudo, sabe que a fronteira é, na verdade, uma costura. Uma linha invisível feita de alinhavos poeirentos no verão e barro pesado no inverno, que insiste em unir o que a geografia oficial tenta separar. É exatamente nesse ponto do mapa, onde o Brasil estica os seus limites, que respira Capixaba.

Visto de longe, o município interiorano do Acre pode parecer pacato para os olhos apressados que buscam a agitação das grandes metrópoles, os grandes centros de lazer ou as luzes das festas que nunca acabam. Aqui, as opções de entretenimento não estão catalogadas em guias turísticos. A diversidade e a riqueza da nossa terra se revelam no avesso: na simplicidade do cotidiano que teimosamente se recusa a ser sem graça.

Basta cruzar a linha imaginária para entender a magia dessa costura. Do outro lado, na Bolívia, uma pequena vilinha se ergue com o pulsar de seus comerciantes. É um cenário vivo, onde o cheiro das especiarias e o ritmo do espanhol misturado ao português criam uma melodia própria. Ali acontece um verdadeiro encontro de culturas, um mercado de afetos e trocas onde a fronteira deixa de ser uma barreira e passa a ser uma ponte. Somos dois países compartilhando o mesmo chão, o mesmo sol poente.

De volta ao lado de cá, quando o final da tarde começa a refrescar o ar abafado, a cidade desenha sua própria forma de lazer, uma coreografia que passa de geração em geração. A calçada vira sala de visita. É o momento em que o povo se reúne na beira da rua para tomar o tereré gelado, que passa de mão em mão enquanto as conversas lavam a mente do cansaço do dia. Os adultos assentam suas cadeiras em rodas em frente às casas, resgatando o patrimônio imaterial da boa prosa, do riso frouxo e das memórias guardadas.

Enquanto as palavras dos mais velhos flutuam no ar, a rua ganha a energia da infância. O asfalto e a terra batida viram campo de futebol improvisado, onde o gol é marcado por dois chinelos velhos e a bola rola livre, sem medo dos carros. Olhar para essas crianças é fazer uma viagem no tempo.

Nas mesmas esquinas onde no céu muitas vezes se avistam pepetas, as pipas coloridas que dançam ao vento desafiando a gravidade. Antigamente brincava-se de “betes”, com bases de lata de óleo e tacos de madeira, num tempo em que a rua era o maior e melhor parque de diversões que alguém poderia desejar.

Capixaba se costura assim: entre o sotaque da vilinha boliviana e o grito de gol no meio da rua; entre a calçada que acolhe os amigos e o céu com pepetas. Não precisamos de grandes palcos para fazer cultura. Nosso maior espetáculo é a própria vida acontecendo, de forma simples e bonita, exatamente onde o Brasil começa.



CRÔNICA 05

A Cidade Invisível aos Dados: Notas de uma Unidade Reversa

Sentar-se no banco da praça em Capixaba, é um exercício de desaprender a pressa. Para os relatórios oficiais, os mapas estatísticos e os censos demográficos, este município no interior do Acre é traduzido em números frios: tantos habitantes, tal produção de grãos, uma linha reta que liga a capital à fronteira.

Mas os números sofrem de uma miopia crônica. Eles não possuem olhos para ver o avesso.

Como "unidade reversa", alguém que habita as entranhas deste lugar, mas insiste em olhá-lo com o estranhamento de quem acaba de desembarcar, percebo que a verdadeira identidade de Capixaba se costura nas contradições cotidianas. É a dinâmica viva de uma cidade que acorda com o motor dos tratores do agronegócio rasgando o horizonte rural, mas adormece sob o som ancestral do vento que bate nas copas das árvores e refresca as noites quentes. O progresso aqui não caminha em linha reta; ele dança um ritmo próprio, ora acelerado pela promessa do desenvolvimento, ora freado pelo isolamento que a própria Amazônia impõe.

Ir além dos dados oficiais é perceber que Capixaba não é apenas um ponto de passagem geográfica, mas um território de afetos e resistências subjetivas. Enquanto o mundo exterior tenta rotular o norte profundo a partir de estereótipos de vazio ou devastação, quem olha pelo avesso enxerga uma complexidade vibrante: histórias feitas de suor, poeira, sonhos miúdos e uma capacidade extraordinária de reinventar a vida na beira. No limiar da floresta, a verdadeira crônica de uma cidade pequena não se escreve com estatísticas, mas com a memória viva de quem insiste em ser o espelho reverso do seu próprio chão.



O Fiador da Aurora: Crônicas do Pão na Cerca

Antigamente, o dia em Capixaba não começava com o despertador, nem com o primeiro raio de sol. Começava com o estalo seco da corrente de uma bicicleta e o som abafado de passos rasgando a neblina matinal. Antes mesmo que o café passasse no mudo da cozinha, ele já tinha passado pela rua.

O padeiro era o cronometrista oficial da nossa miopia matinal. Na garupa, carregava um balaio imenso, protegido por um pano de prato que guardava o maior segredo da madrugada: o cheiro de pão fresco, aquele perfume que parece, por alguns segundos, anestesiá-lo qualquer adversidade do mundo.

Sua rota era desenhada de cor, não por mapas digitais, mas pela geografia dos quintais e pela intimidade das cercas de madeira. Ele muitas vezes batia palmas, e gritava "olha o pão!". A sua presença era um ritual diário. Sabia exatamente quem tinha encomendado a quentura daquele dia. Com uma precisão quase cirúrgica, amarrava a sacola plástica cheia de pães, em uma lasca pontiaguda da cerca de madeira, deixando o pão ali, flutuando como uma oferenda ao amanhecer, à espera de que a casa acordasse.

Olhado de perto, aquele gesto era o avesso da nossa pressa moderna. Deixar o alimento sagrado pendurado na fronteira entre a rua e o lar, exposto ao orvalho e ao vento, exigia uma moeda que já quase não circula: a confiança. O padeiro confiava que o cachorro não alcançaria; confiava que o vizinho não levaria; confiava, acima de tudo, na palavra empenhada do morador que havia encomendado o pão.

A padaria tinha sua caderneta, manchada de farinha e suor, era o verdadeiro banco da cidade pequena. Ali, os nomes eram anotados a lápis ou a caneta, acompanhados de riscos que somavam os dias. A maioria daquelas cercas guardava famílias que só saldariam a conta do pão no fim do mês, quando o salário chegasse. O pão continuava amanhecendo na cerca porque a dignidade de um homem ainda se media pela precisão com que ele honrava o risco a lápis da caderneta alheia.

Quando os primeiros raios de sol finalmente batiam na madeira velha da cerca, o padeiro já era apenas um rastro de poeira na rua. Mas o pão continuava ali, pendurado, morno, estalando a casca. Um pequeno milagre diário que provava que, antes da economia engolir as relações, a vida na cidade pequena se sustentava na beleza simples de saber que o amanhã sempre traria o sustento, fiado no afeto e pendurado no portão.





CRÔNICA 07

O Santuário do Cachimbo de Aço: A Invasão Mansa do Pasto Alheio

Para quem vê de fora, o lazer é algo que se comercializa: uma entrada de cinema, um bilhete de parque, uma piscina com azulejos claros e cloro mensurado. Mas antigamente, na cartografia afetiva de Capixaba, o descanso era uma conquista mística, um território que precisava ser desbravado a pé, sob o risco calculado da aventura. Falo do "Cachimbo de Aço".

O nome, rústico e metálico, batizava um pedaço de água represada que insistia em brilhar feito espelho no coração do pasto de uma fazenda particular. O Cachimbo de Aço não estava nos guias turísticos, mas todo mundo sabia o caminho. Aos finais de semana, aquele açude virava o oceano possível da cidade pequena.

O preço daquele paraíso, porém, não era pago em dinheiro; era pago em coragem e paciência. Para alcançar as margens daquela água fresca, as pessoas precisavam cruzar a fronteira invisível do arame. O trajeto era um ensaio de tensão e comunhão com a natureza bruta. Caminhar pelo meio do campo significava negociar o espaço com os verdadeiros donos do lugar: o gado.

Havia uma mística silenciosa nessa travessia. Os adultos estendiam os braços, fazendo barulho para afastar os bois, de olho bem aberto no contorno do horizonte. O boato de um "boi bravo" solto, corria mais rápido que a correnteza. Quando um touro de cupim imenso erguia a cabeça e encarava a comitiva com seus olhos pesados, o tempo parava. Cruzar o pasto era uma dança: um passo firme, um olho no boi, um olho no chão para não pisar na bosta fresca, e o coração batendo no ritmo da urgência do banho.

Mas quando a neblina do medo se dissipava e os pés finalmente tocavam a água fresquinha do açude, a recompensa era absoluta.

O Cachimbo de Aço operava o milagre de democratizar a alegria. Enquanto a meninada se jogava na água com saltos ornamentais inventados na hora, os de mais idade desandando a conversar sobre a

vida, vigiavam os pequenos com o olhar atento de quem conhece o perigo da água. Enquanto isso, outros procuravam um lugar afastado para pescar um cará, uma traíra ou um mané besta para o jantar.

Visto de cima, pelo olhar frio da estatística ou do direito de propriedade, aquilo era uma invasão de terra por banhistas. Pelo olhar reverso, era o tecido social de Capixaba se costurando na marra. O Cachimbo de Aço provava que a linha do horizonte da fazenda podia até ter dono no papel, mas a poesia do domingo pertencia a quem tinha a audácia de andar entre os bois para buscar a vida no fundo de um açude.



CRÔNICA 08

O Elo Elétrico: Crônicas do Poste da Praça

O progresso em Capixaba costumava chegar com cheiro de cimento fresco e o brilho vívido das lâmpadas. Quando foi inaugurado o “segundo calçadão”, a engenharia humana, deixou um pequeno detalhe de fora nos aterramentos elétricos. Alguns jovens da cidade, dotados de capacidade quase mística de transformar falhas estruturais em parque de diversões, logo descobriram o segredo de um dos postes.

Ele dava choque.

Não era uma descarga violenta, dessas que projetam o corpo longe ou deixam marcas na pele. Era um choque suave, uma pulsação rítmica e imperceptível para quem passava com pressa, mas perfeitamente nítida para quem se demorasse com a palma da mão espalmada contra o metal frio e cinzento da luminária. O poste, de forma involuntária, havia se transformado um brinquedo interativo.

O ritual começava sempre da mesma forma, alguém lançava o desafio no meio da roda de conversas, entre risos e gargalhadas. Em segundos, a calçada virava laboratório científico. A grande graça não era tomar o choque sozinho, mas sim testar os limites da física da amizade.

Os jovens faziam uma corrente em volta do poste, de mãos dadas, conectados pelo suor das palmas das mãos e pela expectativa da descarga. Um dos participantes, geralmente o mais corajoso ou o mais pressionado pelo grupo, esticava o braço livre e segurava firme no poste.

O efeito era imediato e coletivo. Um tremor rápido, um arrepio que subia pelo braço do primeiro, cruzava o peito, passava pelo ombro e descia como uma onda invisível até o fim da linha. O grupo inteiro pulava e soltava um grito uníssono de susto e euforia, rompendo o elo com gargalhadas que ecoavam pelas calçadas. "Passou! Passou por mim!", gritava o mais novo.

Sob o olhar da "unidade reversa", aquele poste defeituoso operava uma metáfora perfeita sobre a vida na cidade pequena. Em um lugar onde os recursos eram escassos e o lazer precisava ser inventado no improviso, os jovens descobriram que aquela pequena descarga virava festa. Aquela

corrente humana era a prova física de que, um cidadão capixabense não precisa aguentar os trancos da vida sozinho. Se o mundo mandar uma descarga, ela deve ser compartilhada com os amigos até virar apenas uma cosquinha na rotina.

Anos mais tarde, o “segundo calçadão” foi demolido e deu lugar a duplicação da Avenida principal, o local atualmente é seguro e iluminado, mas não tem mais aquela graça de outrora. A eletricidade voltou para dentro dos fios, e os jovens encontraram outra forma de se manterem conectados, restando apenas a memória daquelas noites imprudentes.



CRÔNICA 09

O Maestro das Pedras Pretas: A Espera de Seu Damião

Se a topografia de Capixaba pudesse ser resumida em um som, não seria o ronco dos motores na estrada, nem o estalo das árvores na mata. Seria o "tá!", seco e definitivo, de uma pedra de dominó batendo contra a mesa de madeira na frente da casa de Seu Damião. Esse estalo é o coração da casa, o metrônomo que dita o ritmo dos seus dias.

Todos os dias, a rotina de Seu Damião se organiza em torno daquela mesa. Não importa se o sol está castigando o asfalto ou se a chuva do norte desaba pesada sobre as telhas; o cenário já está montado desde cedo. As pedras pretas com branco, gastas pelo toque de anos de dedos calejados, ficam ali, alinhadas, esperando o início do jogo.

Para Seu Damião, o dominó nunca foi apenas um jogo de somar pontos ou fechar a mesa com o "duque e sena". Pelo olhar reverso, aquela mesa é um altar de comunhão. É o pretexto que ele encontrou para costurar os afetos com familiares e amigos. Quando os amigos encostam as bicicletas, moto ou carro no portão e os familiares entram sem pedir licença, a área se enche de um calor que nenhuma estatística social consegue mensurar. Entre uma jogada e outra, reconstrói-se a história de Capixaba: fala-se do preço do gado, da saúde do vizinho, das lembranças do passado e das miudezas do dia. O riso corre frouxo quando alguém "bate de carroça" ou tenta esconder uma pedra na manga.

Mas o tempo na cidade pequena também tem seus dias de calma excessiva e silêncios que pesam.

Às vezes, por capricho do destino, dos deveres que chamam ou do cansaço das pernas velhas, os jogadores não aparecem. O portão não bate. O silêncio se instala na área da frente. Nesses dias, Seu Damião sofre de uma ausência barulhenta. Ele senta-se sozinho na cadeira de balanço, com as mãos repousadas sobre os joelhos, olhando para a quietude da rua. Seus olhos perdem o brilho da malícia do jogo e ele fica, como se diz por aqui, tristonho. É uma tristeza miúda, silenciosa, de quem guardou a melhor risada e a jogada perfeita, mas não encontrou ninguém

para partilhar. Ele embaralha as pedras sozinho, o som agora ecoando quase como um lamento mecânico. Êh... Damis!

Afinal, a unidade reversa sabe bem: em um lugar como Capixaba, a solidão não é a falta de asfalto ou de internet; é a mesa de dominó vazia. A vida de Seu Damião se alimenta desse elo. Ele não precisa de muito para ser feliz, apenas da certeza de que, quando o fim da tarde chegar, a área estará cheia, o café estará quente e haverá braços dispostos a bater a pedra na mesa, provando que, enquanto houver jogo, ninguém em Capixaba precisa andar sozinho.



CRÔNICA 10

O Alicerce Invisível: Quem Sustenta a Coluna Da Casa?

Há uma arquitetura silenciosa nas famílias de Capixaba que os mapas de zoneamento urbano jamais conseguirão registrar. Falo da estrutura que sustenta o teto emocional de uma casa: a irmã mais velha. Aquela que, antes mesmo de entender o peso da própria infância, foi promovida a co-matriarca de um território feito de urgências e afetos compartilhados.

Para a nossa "unidade reversa", observar os passos dessa filha primogênita é testemunhar uma engrenagem que nunca para. Ela é a que sabe, de cabeça, a hora do remédio dos pais, os problemas do caçula e qual familiar está com o coração apertado precisando de uma palavra de consolo. É ela quem estica o almoço quando chega mais um na mesa, quem costura o botão caído da camisa de trabalho e quem guarda os segredos e as dores de todo mundo no fundo do próprio peito, como se o seu colo fosse um patrimônio público de utilidade municipal.

Na rotina de Capixaba, onde o vento quente da tarde dita o cansaço dos corpos, a irmã mais velha caminha com uma altivez quase mística. Ela cuida de todos com a precisão de quem zela por um tesouro frágil. Se os irmãos passam alguma dificuldade, é ela quem estende a mão para ajudar.

Ela aprendeu a ser forte porque a vida exige colunas firmes. Tornou-se o porto seguro onde todos ancoram suas tempestades.

No entanto, quando a noite finalmente cai e o silêncio engole o barulho do mundo, uma pergunta ecoa pelas frestas da casa, uma pergunta que ninguém faz em voz alta: Quem cuida de quem cuida de todo mundo?

Quando as luzes se apagam e a casa inteira adormece sob a guarda do seu cansaço, a irmã mais velha se desarma. É na solidão do quarto, longe dos olhos dependentes da família, que ela deixa de ser o alicerce para ser apenas humana. Quem repara no peso que ela carrega nos ombros? Quem pergunta se a sua própria alma precisa de um fiador, de um pão quentinho deixado na cerca, ou de um abraço que não peça nada em troca?

Olhar essa realidade pelo avesso é perceber que até as fortalezas mais bonitas de Capixaba sofrem com o desgaste invisível da doação total. A irmã mais velha, que passa a vida sendo o norte de tantos navegantes, também precisa, às vezes, que alguém puxe uma cadeira na varanda, olhe em seus olhos e simplesmente diga: "Hoje não precisa ser forte. Descansa, que eu cuido de você."



CRÔNICA 11

Os Sentinelas do Barranco: O Tempo Suspenso no Rio Acre

Quando as ruas de Capixaba silenciam sob a presença de um feriado ou quando o sábado finalmente estende seus braços quentes, um movimento invisível altera a pulsação da cidade. Homens e mulheres começam a amarrar tralhas em cima de motos, a ajeitar lonas plásticas na carroceria de velhas picapes e a verificar o nó das linhas de nylon. Eles não estão apenas saindo de casa; estão indo ao encontro do rio.

Ir para a beira do rio, para a nossa "unidade reversa", é uma forma de retiro do sossego. Em um mundo que exige pressa, produção e metas, os pescadores decretam a falência do relógio oficial.

O acampamento nasce no improviso, ali, o chão de terra batida vira sala de estar. As barracas são armadas e as redes também. É um território livre, onde a única hierarquia permitida é a de quem conhece o mistério das profundezas.

Pescar no final de semana não é sobre a urgência de encher o panela; é sobre a mística da espera. Lançar o anzol na água e sentar-se na beira do barco ou à beira do barranco, com os olhos fixos no sutil mover da linha de pesca, é uma forma de meditação que nenhum manual de psicologia consegue traduzir. Os pescadores conversam em tom baixo, quase em reverência, misturando histórias antigas de que pegaram grandes peixes com o silêncio denso que emana da floresta na outra margem. Ali, no meio do nada, a política, os problemas da cidade e as contas do fim do mês pesam menos que uma chumbada de chumbo.

Quando a noite cai e o breu engole o contorno das árvores, o acampamento se transforma em um farol de resistência humana. O rio, que de dia é uma estrada de água, à noite vira um poema de mistérios. Ouve-se o estalo de um galho, o salto de um peixe grande que desafia a gravidade e o zunido dos mosquitos que a fumaça tenta espantar. É na luz trêmula da fogueira, enquanto o peixe fresco chia na chapa de ferro ou ferve no caldo, que a identidade de Capixaba se revela em sua pureza mais crua.

Aqueles homens e mulheres, que na segunda-feira voltarão a ser professores, atendentes, comerciantes ou funcionários públicos,

encontram no acampamento do feriado a sua verdadeira pátria. Eles provam que a riqueza da vida na cidade pequena não está no que se acumula nas gavetas, mas no privilégio de poder esquecer o mundo por dois dias, ancorado na margem de um rio, sabendo que a felicidade, assim como o peixe mais manhoso, só se entrega a quem tem a coragem de saber esperar.



CRÔNICA 12

O Despertar das Folhas: A Sinfonia Do Chão Rural

Enquanto a zona urbana de Capixaba ainda dorme o sono pesado dos motores desligados, a zona rural já se move em outra frequência. Para quem habita, os ramais e as colônias que se estendem para além do asfalto, o amanhecer, muitas vezes não é um susto eletrônico na cabeceira da cama. É uma transição mansa, um pacto diário assinado entre a terra e o corpo.

Pelo olhar da "unidade reversa", percebe-se que o relógio do homem do campo é feito de vento e bicho.

O primeiro sinal não vem da luz, mas do sopro. Antes do sol romper a linha do horizonte, o vento fresco da madrugada corre pelas copas das árvores, trazendo o cheiro de terra úmida e orvalho condensado. É um ar puro, quase tátil, que entra pelas frestas das janelas e avisa que a noite recolheu suas asas. Esse vento arrepia a pele e convida os olhos a se abrirem sem pressa.

Então, começa a sinfonia. A mata que circunda o quintal não acorda em silêncio; ela se derrama em canto. São os pássaros que dão o primeiro tom, um murmúrio agudo e disperso que vai ganhando corpo à medida que a escuridão clareia. Mas o maestro definitivo desse espetáculo tem penas coloridas e o peito estufado no alto do poleiro.

O cantar do galo é o decreto oficial da aurora. Não é um som mecânico; é um grito de posse do dia, uma ordem ancestral que ecoa de colônia em colônia, criando uma rede de alarmes vivos que cruza os pastos e os roçados.

Visto de fora, acordar com as aves e o gado pareceria uma rotina de fardos. Pelo avesso, é onde reside a maior das dignidades.

Antes que o primeiro café passe na garrafa térmica, o morador da zona rural já pisou no chão frio da varanda. Há uma poesia muda no gesto de acender o fogo à lenha, ver a fumaça branca subir timidamente em direção ao céu ainda azul-escuro e ouvir o estalo da madeira que começa a queimar. Enquanto a cidade pequena se prepara para os desafios do dia a dia, ali, no limite do ramal, a vida se renova na simplicidade de saber que

o dia começou exatamente como começou há cem anos: sob a benção do vento nas árvores, o canto na mata e a certeza de que a terra sempre sabe a hora de despertar.



CRÔNICA 13

A Sinfonia dos Altares: O Sagrado de Capixaba

Se um visitante apressado cruzar a Avenida Governador Edmundo Pinto em uma noite de domingo, ele poderá pensar que Capixaba é regida por um único silêncio. Mas a nossa "unidade reversa", aquela que aprendeu a sintonizar as frequências invisíveis da cidade, sabe que o domingo aqui é o dia em que o município se divide em partituras. Capixaba é uma cidade de muitas igrejas, um território pequeno em extensão, mas imenso na profusão de seus altares.

A fé se materializa em uma arquitetura própria. Há os templos imponentes, com fachadas altas e portas de vidro que espelham o calor da rua e há as pequenas congregações, abrigadas em salões de madeira onde o banco é comprido e o teto amplifica o clamor da oração.

Caminhar pelas ruas no início da noite é testemunhar uma sobreposição de fés que, em vez de se chocarem, compõem o tecido social da cidade. Ouve-se o som vibrante de um culto ou missa, onde vozes celebram o divino com a energia de quem descobre o mundo.

A quantidade de igrejas em Capixaba não reflete uma divisão, mas uma busca coletiva por ancoragem. Em uma realidade moldada pelas incertezas da terra e pelos desafios do desenvolvimento, o sagrado é o porto seguro. Ali, a vida ganha um sentido que os dados oficiais não conseguem catalogar.

O mais bonito dessa geografia espiritual é perceber que, embora os dogmas mudem e as placas na fachada variem, as necessidades do coração capixaba são as mesmas. As fés se multiplicam nos templos, mas a solidariedade se unifica na rotina.

Capixaba, vista pelo avesso, é esse grande mosaico provando que, no limiar da floresta, existem muitos caminhos para se erguer os olhos e agradecer pelo milagre de cada amanhecer.



CRÔNICA 14

Os Olhos de Algodão do Ramal Brasil-Bolívia: A Sentinela da Fronteira

Há caminhos em Capixaba onde a geografia deixa de ser um traçado de engenharia para se tornar um corredor de “assombrações”. O Ramal Brasil-Bolívia é um desses lugares. Estrada de terra batida que rasga a densidão do verde em direção à linha invisível que separa duas nações, o ramal carrega em seu nome a promessa do trânsito e do comércio, mas resguarda, no silêncio de suas curvas noturnas, um mistério para os corajosos decifrarem.

Para a nossa "unidade reversa", o Ramal Brasil-Bolívia não é apenas uma rota de escoamento ou passagem. É um território onde o tempo se deforma assim que o sol se põe.

Quem precisa cruzar o ramal nas horas mortas da noite sabe que o motor da moto ou o farol do carro parecem menores diante da escuridão que emana da mata. E é justamente ali, que os relatos ganham corpo. Os moradores contam, em tons de quase segredo sobre a aparição que desafia a lógica dos vivos: a mulher vestida de branco.

Dizem que ela surge sem aviso, caminhando à margem da estrada, quase como um pedaço de neblina que tomou a forma de gente. Suas vestes são de um branco impecável, um algodão luminoso que não combina com a lama ou com a poeira vermelha do ramal. Ela não grita, não pede carona, não faz barulho. Apenas observa. Quem já cruzou com seus olhos invisíveis relata um frio repentino que corta o mormaço da noite, um calafrio que faz o sangue congelar e o motorista acelerar o passo, sem coragem de olhar pelo retrovisor.

O medo de ir ao ramal durante a noite virou uma cláusula pétrea. O silêncio que se impõe após as dez da noite não é por falta de assunto, é por respeito à vizinha do avesso. A fronteira ali ganha outro sentido: não é mais entre dois países, mas entre o que se pode explicar e o que só se pode temer.

Olhada pelo avesso, a alma do Ramal Brasil-Bolívia cumpre um papel místico na identidade de Capixaba. Em uma região de fronteira, onde a

terra muitas vezes foi palco de disputas, suor e solidão, a mulher de branco é a personificação das memórias que a floresta se recusa a esquecer. Ela é o lembrete de que, por mais que o homem abra ramais e tente domar o espaço com o progresso, existem mistérios fincados no chão da Amazônia que sempre pertencerão à noite, à névoa e ao espanto de quem ousa passar.

A Colcha de Retalhos: A Grande Varanda de Capixaba

Se a nossa "unidade reversa" subisse no ponto mais alto de Capixaba para tentar mapear o que sustenta a identidade deste chão, não enxergaria vigas de ferro ou blocos de concreto. O panorama cultural deste município não é estático; ele é um tecido vivo, uma colcha de retalhos costurada pelas experiências cruzadas de sua gente. Uma gente que desafia qualquer tentativa de catalogação social.

Aqui, as biografias se misturam sem pedir crachá.

Há o colono de mãos grossas e caminhos vincados no rosto que não sabe ler as letras dos livros. Ele não tem o diploma na parede, mas é alfabetizado nas sutilezas da terra: lê o desenho das nuvens que anunciam o inverno, sabe o tempo exato da semente e conhece os segredos medicinais de cada folha do seu quintal. Ao lado dele, senta-se o jovem que cruzou os ramais para buscar o curso superior na capital e voltou trazendo termos técnicos e teorias de desenvolvimento. E, na mesma calçada, caminha quem aprendeu a assinar o nome já tarde, com o orgulho desenhado na ponta do lápis.

No papel, em qualquer relatório estatístico, essas vidas seriam separadas por faixas de escolaridade, gráficos de renda e índices de vulnerabilidade. Mas no cotidiano de Capixaba, essas distâncias geográficas e intelectuais desabam diante de uma força maior: o idioma universal do acolhimento.

Esse panorama cultural se tece nos encontros improváveis. É o engenheiro agrônomo que para seu veículo na beira da estrada para ouvir o conselho do velho ribeirinho sobre o comportamento do Rio Acre. É a professora pós-graduada que aceita, com respeito quase sagrado, o café passado no mudo e o pão feito por quem não entende muito bem as regras da gramática, mas entende tudo de generosidade.

Em Capixaba, o coração das pessoas funciona como uma extensão da "varanda" de Seu Damião: há sempre espaço para mais uma cadeira, não importa quem você seja ou de onde venha. O afeto não exige pré-requisitos acadêmicos.

Olhar a cidade pelo avesso é compreender que a verdadeira riqueza de Capixaba está nessa capacidade extraordinária de nivelar a humanidade pelo abraço. Não são os dados oficiais que definem este lugar, mas a certeza de que, entre o doutor e o não alfabetizado, o que prevalece é a sabedoria mansa de saber receber. Capixaba é, antes de tudo, uma grande casa de portas abertas, onde a cultura se escreve com a tinta do respeito e se assina com o calor de uma mão estendida.



As Janelas da Saudade: O Mundo que Ninguém Vê

Para a nossa "unidade reversa", que teima em buscar a essência de Capixaba no avesso das aparências, a cidade não pulsa apenas nas igrejas, nos bares, nas conversas de calçada ou no movimento do comércio. Ela também pulsa no silêncio de alguns quartos. Ali, onde o tempo parece andar em um ritmo muito mais compassado, vivem os acamados da pequena cidade, homens e mulheres que privados de movimento, levam Capixaba guardada apenas na memória e só conseguem ver o mundo através do quadrado de uma janela.

Para quem está preso a uma cama, a nossa cidade ganha contornos diferentes. Eles ouvem o barulho dos carros e imaginam quem estará viajando; escutam o soar distante de um jogo de futebol e lembram dos tempos em que as próprias pernas corriam sem cansar; sentem o cheiro da chuva que bate na terra seca e viajam, em pensamento, até o cheiro do café fresco na casa de uma comadre. Eles gostariam, mais do que tudo, de caminhar sob o mormaço da tarde, de sentir o vento limpo da noite no rosto ou de simplesmente pisar o pé descalço no chão do quintal. O mundo lá fora, que para nós é tão comum, para eles é um privilégio distante.

É nesse silêncio que a história daqueles que tiveram seus passos recolhidos, se transforma em um conselho urgente e profundo para todos nós. Quem os visita ou cuida de seus dias recebe uma lição silenciosa sobre o valor real da existência.

Olhar para quem perdeu a liberdade de ir e vir é um chamado para acordar. Nós, que acordamos com saúde, que podemos decidir para onde caminhar, que temos a força nas pernas para cruzar um ramal e os olhos são para ver o ipê florescer, muitas vezes esquecemos de agradecer. Reclamamos da poeira, do calor, da rotina cansativa, sem perceber que a lida diária, com todos os seus desafios, é a maior riqueza que possuímos.

Quantos, agora mesmo, dariam tudo o que têm apenas para ter a saúde que nós desperdiçamos com queixas? Quantos gostariam de estar no nosso lugar, enfrentando o sol do dia a dia, simplesmente pelo prazer de estar de pé?

Valorizar a vida, o corpo em pleno vigor e o movimento não é apenas um ato de gratidão; é um dever de respeito a quem já não pode fazer o mesmo. Que a realidade dos daqueles que vivem no silêncio do leito, nos ensine a abraçar cada manhã com mais entusiasmo e menos reclamação. Que a gente aprenda a caminhar por Capixaba orgulhosos da nossa força e com os pés bem firmes no chão, sabendo que ter saúde para viver o mundo lá fora é o maior trunfo que Deus nos deu.



CRÔNICA 17

Os Conquistadores do Vento: A Cidade Vista Do Alto Da Torre

O ponto mais alto de Capixaba não foi desenhado pela natureza, nem nasceu do contorno das árvores da mata. Ele é feito de ferro, parafusos e tecnologia. A torre mais alta, que se ergue imponente contra o céu azul do Norte, foi fincada ali para conectar a cidade ao resto do mundo através de ondas invisíveis. Mas, para a juventude local e para alguns adultos que teimam em não deixar a audácia envelhecer, aquela estrutura metálica ganhou outra função: virou o mirante secreto de uma terra sem montanhas.

Subir na torre é um ato cercado de silêncios e batimentos cardíacos acelerados. Há placas de advertência, que tentam isolar o perímetro e o aviso constante dos perigos reais. É proibido, todo mundo sabe. Mas, na lógica da cidade pequena, a proibição muitas vezes funciona como o primeiro verso de um convite para a aventura.

A escalada nunca é feita com pressa. É preciso escolher o momento certo, geralmente no calar da noite. Não é preciso ir até o topo, onde as antenas transmitem os segredos da cidade; bastam alguns metros. Chegar ao primeiro ou ao segundo lance de plataformas já é o suficiente para operar a mágica.

Lá de cima, a poucos metros do chão, Capixaba se revela por inteiro pela primeira vez.

Pelo olhar da nossa "unidade reversa", que agora observa os observadores, a perspectiva muda completamente. A cidade, que lá embaixo parece vasta e às vezes confusa em suas contradições, vista do alto cabe na palma da mão. O calçadão vira uma linha reta minúscula; a "varanda" de Seu Damião é apenas um ponto coberto de telhas; e o Ramal Brasil-Bolívia se estende como uma serpente de terra vermelha sumindo no verde infinito dos campos. Até o imenso gado que assustava os banhistas no Cachimbo de Aço vira um punhado de pontinhos espalhados no pasto.

Lá em cima, o vento sopra diferente. É um vento limpo, que não carrega a poeira da BR-317, mas sim o cheiro das árvores e a sensação nítida de liberdade. Os jovens que ali sobem dividem o espaço com o medo e a

euforia. Os adultos que se aventuram a subir sentem o peso dos anos diminuir a cada degrau; ali, eles voltam a ser crianças.

Aquela torre, fria e utilitária, transforma-se no altar da transcendência de Capixaba. Quem desce dali, com as mãos sujas de ferrugem e poeira, sai com o coração ainda pulando no peito, trazendo nos olhos o maior troféu que os travessos podem ter.

No entanto, que esse vislumbre poético permaneça guardado apenas na imaginação e nestas linhas escritas. Subir na torre é estritamente proibido e extremamente perigoso. Lembremo-nos sempre de que a verdadeira beleza de Capixaba está na preservação da vida e na segurança de cada cidadão. Juízo, meu povo, juízo!



CRÔNICA 18

A Bagagem do Averso: O Êxodo dos Filhos de Capixaba

Há um momento à beira da BR-317, em que o acolhimento de Capixaba se transforma em um nó na garganta. A nossa "unidade reversa", habituada a decifrar os silêncios e as entrelinhas da cidade pequena, percebe que o vento fresco que acorda os ramais pela manhã também carrega, às vezes, o sopro inevitável da partida. É a crônica daqueles que se veem obrigados a arrumar as malas e cruzar as fronteiras do Acre em busca do que a terra natal, apesar de todo o amor, não consegue dar: o sustento.

Capixaba é mãe generosa. É o lugar onde a varanda de Seu Damião sempre tem espaço para mais um no dominó e onde o calor humano nivela o doutor e o não alfabetizado na mesma calçada. Mas as estruturas de ferro da torre os afoitos sobem para contemplar o horizonte, também revelam uma verdade dura quando se olha para baixo: o mercado de trabalho é estreito, e as oportunidades não têm o mesmo tamanho do coração da cidade.

Para muitos jovens que acabaram de descobrir a voltagem da vida, ou para adultos que cansam de esperar que os esforços diários rendam o suficiente, o destino se impõe como um mapa de estradas longas. Rondônia, Mato Grosso, o Sul do país, ou as grandes capitais. Sair de Capixaba não é uma escolha de aventura; é uma imposição da sobrevivência.

A partida é um ritual doloroso. Na bagagem, além das roupas gastas e dos documentos, vai um pedaço do patrimônio imaterial que nenhuma outra parte do Brasil possui. Vai o gosto do peixe pescado e assado ou frito na hora em um improvisado às margens do Rio Acre naquele acampamento de final de semana, vai o misticismo das histórias contadas no Ramal Brasil-Bolívia e o hábito bonito de dar bom dia olhando nos olhos.

Vistos de longe, nos grandes centros urbanos para onde migram, esses capixabenses são apenas mais números nas estatísticas de trabalhadores da construção civil, do comércio ou dos frigoríficos. Mas pelo olhar reverso, eles são embaixadores da saudade. Eles trabalham com o corpo em outros estados, mas a mente continua ancorada aqui. Sentem falta do

cheiro da chuva batendo na terra quente e da facilidade mansa de se viver onde todo mundo se conhece.

O êxodo de Capixaba é a maior das suas contradições: a cidade que tem o abraço mais largo do mundo é a mesma que precisa soltar seus filhos porque suas indústrias e comércios não cabem todos eles. Quem parte, vai com a promessa de voltar, nem que seja para passar um feriado de pescaria na beira do rio. E quem fica, continua ali, como a irmã mais velha que cuida da casa, zelando pelas raízes e esperando o dia em que o portão vai bater e a rodoviária trará de volta quem nunca deveria ter precisado sair.

O Santuário Escondido do Muro Verde: A Paz Que Habita ao Lado Da Cura

Quem caminha pela rua da UBS Idelfonso Cordeiro geralmente carrega no peito a urgência do corpo: uma consulta marcada, a busca por um remédio, o compasso preocupado da saúde. Mas a engenharia afetiva de Capixaba guardou ali, bem ao lado do lugar onde se cura a carne, um santuário silencioso para curar a alma. Uma Área de Preservação Ambiental que, para a maioria dos transeuntes, resume-se a um longo e denso muro verde.

É uma das maiores ironias da nossa "unidade reversa": muitos moradores passam por ali todos os dias, mas não conhecem o que pulsa do lado de dentro. O muro de vegetação funciona como uma cortina que esconde um segredo precioso.

Dar o passo que atravessa essa fronteira é experimentar um portal no meio da cidade. No instante em que se entra, o som do asfalto, o mormaço da rua e a pressa do cotidiano são imediatamente engolidos por uma calma absoluta. O ar muda; torna-se fresco, filtrado pelas copas de árvores que resistem como sentinelas do tempo. O peito respira aliviado. Lá dentro, o silêncio não é vazio; é preenchido pela sinfonia mansa dos pássaros que encontraram naquele quadrilátero verde o seu refúgio seguro. É um pedaço de floresta viva que pulsa no coração urbano, oferecendo uma paz que nenhum dado oficial consegue mensurar.

No entanto, a beleza desse santuário traz consigo um alerta urgente, um sussurro que corre entre as folhas.

Esse refúgio de paz é frágil. Muitas vezes, por ignorância ou pressa, o ser humano enxerga o vazio da mata como um depósito para o que não serve mais. Jogar lixo ou abandonar resíduos nas suas margens é agredir o próprio pulmão da cidade. Cada sacola plástica, cada garrafa jogada ali dentro é uma ferida na terra que nos acolhe, um veneno para as aves que cantam e um insulto à calma que o lugar nos oferece de graça.

Preservar essa área não é apenas um dever ecológico burocrático; é um ato de respeito com a nossa própria identidade. Capixaba cresce, o

progresso avança e os ramais se estendem, mas são espaços como essa área verde que garantem que a cidade não perca a sua alma amazônica. Cuidar para que esse chão continue limpo é garantir que, amanhã, quando o peso da rotina ficar insuportável, qualquer morador ainda possa abrir aquela bica de silêncio, entrar no meio das árvores e lembrar como é a sensação de ter paz no coração.



O Porto Seguro e o Trunfo Escondido: O altar de Dona Liquinha

Se a nossa "unidade reversa" resolvesse mapear os verdadeiros pontos de resistência contra a pressa e a frieza do mundo moderno em Capixaba, ela não pararia diante de monumentos ou das fachadas imponentes. Ela estacionaria em um portãozinho de madeira simples, daqueles que parecem estar sempre encostados, esperando o próximo visitante entrar sem precisar bater. Ali mora Dona Liquinha.

Dona Liquinha é a tradução em carne, osso e sorriso de um dos maiores patrimônios de Capixaba: a arte do acolhimento. Ela faz parte de uma linhagem nobre, silenciosa e indispensável de mulheres, as donas de casa capixabenses, que escolheram fazer do lar o seu território sagrado, o seu lugar seguro. Em um mundo que muitas vezes mede o valor das pessoas pelo que elas produzem para fora, Dona Liquinha e tantas outras decidiram que a sua vocação era produzir paz para dentro. Elas transformam quatro paredes de madeira ou alvenaria em um cais onde qualquer barco cansado da lida pode ancorar e encontrar calmaria.

Entrar na casa de Dona Liquinha é ser batizado pelo aroma inconfundível que define a hospitalidade da nossa terra. Não importa a hora do dia, se o mormaço da tarde está de rachar ou se a chuva fina do inverno começa a cair: o cafezinho está sempre pronto, fresquinho, descansando na garrafa térmica como um abraço em forma líquida. "Entra, meu filho, senta aqui. Quer um café?", é o mantra que ela repete, estendendo a copo de vidro com a mesma generosidade com que Dona Estela distribuía seus presentes de Natal.

Mas o livro que é a vida de Dona Liquinha, assim como o próprio livro de Capixaba, guarda suas páginas secretas e deliciosas. Por trás da figura doce da dona de casa, existe uma alma lúdica e cheia de vivacidade. Dona Liquinha adora um jogo de baralho.

Nem todo mundo que passa por ali para tomar um gole de café conhece esse seu lado. Mas aqueles que sabem do seu segredo e carregam a cumplicidade no olhar não perdem a chance. Basta o visitante puxar uma cadeira, dar aquela piscada de olho e fazer o convite: "Dona Liquinha, bora jogar baralho?".

A transformação é imediata e bonita de se ver. O cansaço do dia a dia, as dores nas costas e a rotina repetitiva da vida doméstica evaporam. O rosto de Dona Liquinha se ilumina com um sorriso travesso, os olhos brilham com a energia da juventude e ela aceita o desafio sem pestanejar. A mesa vira campo de batalha. Ali, entre uma rodada de risadas, o embaralhar das cartas, ela se diverte como se o tempo tivesse parado. O jogo de baralho é o seu trunfo particular, a sua pequena e deliciosa fuga da seriedade da vida.

Homenagear Dona Liquinha é, no fundo, enaltecer todas as donas de casa de Capixaba. Mulheres que, na quietude de seus lares, sustentam a alma da nossa comunidade. Elas são as guardiãs dos afetos, as que mantêm acesa a chama da simplicidade e que provam, dia após dia, que a vida não precisa de grandes palcos para ser grandiosa. Bastam um café quente, um coração aberto para acolher quem chega e, claro, um bom baralho escondido na gaveta para lembrar a todos nós que a felicidade também sabe jogar de dupla.

CRÔNICA 21

A Primavera Humilde: Onde a Cidade Floresce Pelas Margens

Há uma delicadeza secreta na Avenida Governador Edmundo Pinto que desafia o asfalto quente e o vaivém dos carros. Para a nossa "unidade reversa", que costuma enxergar as miudezas que a pressa esconde, a principal artéria de Capixaba não é feita apenas de comércio, poeira e promessas de progresso. Ela é, também, um corredor de cores teimosas que insistem em brotar sob o céu.

As flores da avenida principal funcionam como o cartão de visitas da nossa resiliência. Dispostas nos canteiros, enfrentando o sol forte do meio-dia e o vento carregado que vem da estrada, as plantas públicas oferecem um espetáculo democrático. São flores que não pedem licença para existir; estão ali para quem quiser ver, colorindo a rotina de quem vai ao banco, à UBS ou ao mercado.

Mas longe da Avenida também existe uma alma botânica que se revela quando nos afastamos do centro e olhamos para as calçadas dos moradores. É nas frentes das casas, rente às cercas de madeira que a poesia comunitária se espalha.

Parece que alguns capixabenses tem um pacto antigo com a terra. Entrar nos bairros é testemunhar uma competição silenciosa de afetos: são roseiras vistosas, onze-horas que se abrem pontualmente como um relógio de pétalas, diversas flores e as folhagens coloridas que as donas de casa mudam de lugar com o cuidado de quem arruma uma sala de visitas para Deus. Cada jardim improvisado na calçada é uma extensão do coração de quem ali habita. O morador que planta uma flor na frente de casa está, na verdade, oferecendo um presente visual para quem passa.

Em um mundo que nos empurra para a pressa, seja cruzando o Ramal Brasil-Bolívia ou correndo atrás de oportunidades em outros estados, esquecemos de olhar para o chão que pisamos. Fica aqui o convite desta observadora: tire um tempo para contemplar. Pare diante do canteiro do vizinho, sinta o perfume suave que o vento da tarde espalha e repare em como a beleza pode ser simples.

Mais do que contemplar, que cada um encontre um espaço, um palmo de terra na calçada, um vaso velho de alumínio na varanda ou um canto do

quintal, para criar seu próprio jardim. Plantar uma flor é um ato de esperança no amanhã. É fincar na terra a certeza de que, apesar de todos os trancos da vida, nós ainda escolhemos florescer.



CRÔNICA 22

O Tabuleiro dos Contrastes: As Contradições do Chão Capixabense

Para quem cruza a Avenida Governador Edmundo Pinto em velocidade de cruzeiro, Capixaba pode parecer uma equação simples, uma linha reta que costura a fronteira. Mas a nossa "unidade reversa", aquela que se recusa a olhar a vida apenas pela superfície dos relatórios e dados oficiais, sabe que o cotidiano deste município é um tecido feito de nós, um território onde as contradições não se chocam, elas se limiam.

A primeira grande contradição de Capixaba está fincada na própria paisagem. É uma cidade que acorda com o rugido moderno e imponente dos tratores do agronegócio, rasgando a terra para plantar o futuro, mas que adormece sob o silêncio ancestral e intocado da floresta que resiste nas margens dos ramais. O progresso, aqui, anda de mãos dadas com o sossego. O mesmo município que exporta grãos e se conecta com mercados distantes, abriga linhas rurais onde o tempo ainda é medido pelo cantar do galo.

Essa dualidade se estende para as relações humanas e para a economia do dia a dia. Capixaba vive no compasso de uma primavera humilde, onde os moradores enfeitam suas frentes de casa com jardins minuciosos e oferecem um acolhimento tão largo que parece não caber no mapa. É o lugar onde a confiança é a moeda mais forte.

No entanto, essa mesma terra tão fértil em afeto e generosidade é a que assiste, de mala pronta na rodoviária, ao êxodo de seus próprios filhos. A grande contradição do acolhimento capixabense é ser uma casa de portas abertas que, muitas vezes, não tem teto econômico para segurar quem nela nasceu. O mercado espremido força a juventude a buscar o sustento em outros estados, transformando a cidade em um porto de saudades permanentes.

Até o lazer e a espiritualidade em Capixaba dançam conforme essa música de contrastes. O domingo divide o município em uma sinfonia de fés, com dezenas de igrejas e templos erguendo clamores que competem com o barulho dos bares. O sagrado e o profano, o perigo e o refúgio, o público e o privado se misturam na mesma tarde de sol.

Olhar Capixaba pelo avesso é entender que sua identidade complexa não se resume a um polo de desenvolvimento ou a um vazio demográfico. Capixaba é bela justamente porque é imperfeita, um lugar de contrastes profundos onde a vida teima em florescer, equilibrada na corda bamba entre a urgência do amanhã e a mansa sabedoria do ontem.



CRÔNICA 23

Janelas de Ônibus, Retratos de Chão: A Moldura Invisível do Êxodo

O ônibus que encosta na rodoviária ou para à beira da BR-317 em Capixaba não transporta apenas pessoas; ele transporta geografias internas. Para a nossa "unidade reversa", a janela de um ônibus intermunicipal ou transporte escolar é uma moldura viva, um retângulo de vidro que divide o mundo entre o chão que se deixa para trás e o horizonte que se avizinha.

Sentar-se ao lado da janela é um ato de recolhimento. Quem ocupa aquele assento geralmente apoia a testa contra o vidro frio, deixando que o balanço do veículo dite o ritmo dos seus pensamentos. Através daquela transparência empoeirada, vê-se a transição brusca de Capixaba: o asfalto, o canteiro de flores teimosas da avenida principal, e, logo em seguida, a imensidão dos pastos e o início dos ramais.

Os rostos colados ao vidro são retratos em movimento. Há o estudante que leva na mochila os cadernos e a expectativa do curso superior na capital, olhando para o horizonte como quem se perde na imensidão. Há a mãe de família, acostumada a ser o alicerce de todos, que aproveita aquelas horas de viagem para, finalmente, não precisar cuidar de ninguém, deixando que o olhar se perca na copa das árvores.

E há, o rosto daquele que parte de vez. Para quem está saindo do município em busca de emprego em outros estados brasileiros, a janela do ônibus é uma tela de cinema onde passa o filme de uma vida inteira. Cada curva da estrada é um pedaço do afeto capixabense que se distancia.

O ônibus corre, e o vidro da janela vai se sujando com a poeira das adversidades. Mas, por dentro, o passageiro limpa a vista com a manga da camisa, tentando reter na retina o verde dos campos.

Olhar os passageiros pelo avesso é perceber que a janela do ônibus é o lugar onde Capixaba se divide entre a permanência e a saudade. Quem viaja ali, seja para resolver a vida na cidade vizinha ou para cruzar o país, leva o município desenhado na pele. O ônibus pode até mudar de estrada, mas o chão de onde essas pessoas vieram continua moldado em seus olhos, impresso em cada vidro que corta o vento do Norte.

O Galope do Medo: Um Encontro Invisível no Ramal

Para quem vê de longe, o movimento das carroças e o trote dos cavalos pelos ramais parecem saídos de uma pintura antiga, um retrato de calmaria que ignora a pressa dos motores da cidade. Mas a nossa "unidade reversa", que conhece as artérias de terra vermelha que cortam a floresta, sabe que o isolamento do campo exige um pacto constante com o imprevisto. Ali, onde o asfalto não chega e a torre de telefonia vira apenas um risco distante no horizonte, o transporte não é apenas um deslocamento; é um exercício de atenção.

Andar a cavalo ou guiar uma carroça é sintonizar-se com os sentidos do animal. O bater dos cascos no chão seco dita o ritmo da viagem. Nesse compasso lento, o colono tem tempo de sobra para olhar o avesso da mata. Mas o bicho que ele monta ou que puxa a carga enxerga e ouve muito antes.

O maior temor de quem cruza os ramais nas primeiras horas da manhã ou no fim da tarde não é atoleiro ou o mormaço sufocante. O medo tem garras, olhos cor de âmbar e o andar silencioso do felino mais temido da Amazônia: a onça-pintada.

O ramal, que de dia acolhe a lida, à sombra das árvores frondosas se transforma em território de mistério. O medo da onça não é um susto inventado como as lendas que se contam atrás do fogão a lenha; é um sobressalto real, gravado na memória de quem já viu pegadas do tamanho de pratos na lama fresca da estrada, logo após a chuva.

O aviso do perigo começa na mudança do vento. De repente, o cavalo levanta as orelhas, estufa as narinas e dá um sopro forte, travando as patas no chão. O animal da carroça puxa as rédeas de lado, inquieto, querendo dar meia-volta. O silêncio que se instala na mata é abrupto, os pássaros que antes faziam sinfonia calam-se de uma vez, e até as cigarras interrompem o chiado. Naquele hiato de segundos, o coração do cavaleiro dispara. O olhar tenta perfurar a parede verde da capoeira, sabendo que, se a onça estiver ali, ela estará camuflada, assistindo ao cortejo humano passar.

Na maioria das vezes, o encontro é um quase-encontro: o susto de um estalo de galho seco, o vulto que corta o ramal metros adiante e desaparece no espesso da mata, deixando apenas o cheiro forte de bicho caçador no ar. O colono aperta as rédeas, acalma o animal com um assobio baixo e segue o trote com o corpo tenso, sabendo que invadiu, por alguns quilômetros, a pátria de quem manda na floresta.

Olhar Capixaba pelo avesso é compreender essa coragem silenciosa de quem habita os ramais. Enquanto a dinâmica urbana se preocupa com os prazos e com a falta de vagas, o homem da carroça e o cavaleiro de chapéu de palha testam os limites da sobrevivência a cada curva, cientes de que a beleza bruta deste chão exige o respeito de quem sabe dividir a estrada com o mistério e a soberania da mata.



CRÔNICA 25

O Ritual da Cacimba: Onde a Água e a Vida se Encontram Descalças

Se a nossa "unidade reversa" quisesse encontrar o ponto exato onde a sobrevivência se transforma em poesia visual, ela não pararia nos escritórios ou sob as luzes da avenida principal. Ela desceria as ribanceiras e os caminhos de terra que levam até o olho d'água. Ali, no recuo do quintal ou na baixada do ramal, a cacimba é o altar de uma Capixaba que se recusa a esquecer o valor do que é essencial.

Lavar roupas na cacimba não é apenas uma tarefa doméstica; é um ritual de partilha entre o ser humano e o chão. O corpo se curva sobre as tábuas arrumadas ali para esse fim, e as mãos iniciam uma dança cadenciada de esfregar, bater e enxaguar. O sabão em barra se mistura à água fria e brotada da terra, criando uma espuma branca que contrasta com verde ao redor. Enquanto o tecido é limpo, o som da água batendo na madeira ecoa como um relógio musical rústico, conversando com os pássaros que assistem a tudo do alto das árvores.

E quando o sol do meio-dia aperta, transformando o mormaço amazônico em um peso sobre os ombros, a cacimba oferece a sua maior recompensa: o banho de lata.

Não há modernidade ou chuveiro elétrico na cidade que se equipare à nobreza humilde desse momento. A lata de alumínio, gasta pelo uso e resfriada pela umidade, mergulha na boca cacimba e sobe cheia, transbordando uma água límpida, quase gelada. O gesto de erguer os braços e derramar aquela água direto na cabeça é uma espécie de batismo diário. A água escorre pelo corpo, levando embora o suor do roçado, o cansaço do dia e a poeira da estrada. É um alívio tátil, um choque de vida que devolve a energia e limpa a mente.

Mas o ritual só se cumpre por inteiro no caminho de volta para a casa. O balde, agora cheio até a borda, é erguido com precisão e coroado sobre a cabeça.

Carregar água na cabeça exige uma postura que nenhuma escola de etiqueta consegue ensinar. É uma elegância que nasce da necessidade. O corpo se ergue ereto, o pescoço se firma e o passo torna-se manso, equilibrado para que o precioso líquido não se perca no trajeto de barro.

Quem carrega o balde avança com os olhos fixos no horizonte, numa cadência quase sagrada, como se conduzisse um tesouro, e de fato conduz.

Olhar essa rotina pelo avesso é enxergar a beleza de quem está intrinsecamente ligado à natureza. Na simplicidade de depender da cacimba, não há espaço para o desperdício ou para a soberba. Há, sim, uma conexão profunda com os ciclos da terra. O morador que bebe, lava e se banha com a água da cacimba sabe exatamente de onde vem o seu sustento. Ele não aperta apenas um botão na parede; ele toca o coração do chão.

Nessa Capixaba de gestos antigos, carregar a água que vai preparar o feijão atrás do fogão a lenha é lembrar que a vida, em sua forma mais pura e bonita, se resolve com os pés descalços na terra e a cabeça erguida sob o peso da própria dignidade.



CRÔNICA 26

Chão Batido: A Crônica do Futebol Capixabense

Se a nossa "unidade reversa" pudesse esticar uma linha do tempo desde os primeiros dias em que Capixaba foi desenhada no mapa, veria que, junto com a primeira picareta que abriu o espaço da floresta e a primeira semente fincada no barro, nasceu também o rastro de uma bola de couro. O futebol não chegou ao município depois do progresso; ele abriu caminhos junto com ele, sendo o oxigênio dos fins de semana desde os primórdios da nossa fundação.

Nas primeiras décadas, quando Capixaba ainda moldava sua identidade de fronteira, o futebol era o espelho onde a comunidade conseguia se enxergar por inteiro. Os campos não tinham gramados milimetricamente aparados ou refletores modernos.

Ali, naquele chão batido, esquecia-se o cansaço de qualquer rotina. O homem que passava a semana inteira trabalhando, transfigurava-se ao calçar as chuteiras ou, muitas vezes, ao jogar descalço mesmo, com o pé firme naquele chão esportivo.

O futebol em Capixaba sempre foi a mais democrática das nossas linguagens. No meio de um campeonato municipal, desabam todas as distâncias sociais. Na mesma equipe, o jovem que voltou da capital com diploma de curso superior corre para receber o passe do colono que mal sabe assinar o nome, mas que cruza a bola com a precisão de um artista. O chefe do executivo e o operador de máquinas dividem o mesmo gole de água no intervalo, unidos pelo suor e pela paixão pela mesma camisa.

E o que dizer das torcidas? Nos dias de jogo grande seja na zona urbana ou rural, a dinâmica da cidade muda de rota. O grito de gol lava a alma, dos jogadores e da torcida e faz o capixabense esquecer, por noventa minutos, as contradições do mercado de trabalho estreito e a saudade dos filhos que precisaram partir para outros estados.

O futebol em Capixaba é o fio invisível que une o passado ao momento atual. Ele prevalece na memória dos antigos campeonatos que fundaram o orgulho desse chão. Olhar o esporte pelo avesso é perceber que a bola, ao rolar pelo solo capixabense, não está apenas disputando um campeonato; ela está costurando os retalhos da nossa história, provando

que a nossa maior vitória sempre foi a capacidade de nos unirmos pela paixão, transformando qualquer pedaço de terra no palco principal, o campo de jogo das nossas vidas.

As Digitais Dos Antigos: O Mistério Sagrado dos Geoglifos

Se a nossa "unidade reversa" subisse na estrutura de ferro da torre de telefonia e ganhasse asas para voar ainda mais alto, rasgando o céu azul de Capixaba, ela enxergaria um mistério que desafia os séculos. Lá embaixo, onde a vegetação cede espaço ao pasto e à terra trabalhada, o chão deixa de ser apenas solo e se transforma em um pergaminho. São os geoglifos: formas geométricas perfeitas, quadrados, círculos, linhas precisas, cravadas na chão por mãos humanas há milhares de anos.

Visitar Capixaba é, literalmente, pisar na história profunda da humanidade. Mas a grande contradição que nos assalta é que, muitas vezes, passamos ao lado dessas estruturas sem nos darmos conta do tesouro monumental que nos rodeia.

Para quem está no nível do chão, essas marcas milenares podem parecer apenas valas comuns ou acidentes geográficos no meio da pastagem. No entanto, vistos do alto, os geoglifos revelam-se como as digitais de uma civilização complexa, engenhosa e mística que habitou a Amazônia muito antes de o primeiro ramal ser aberto ou de a primeira cerca de madeira ser fincada. Eles são templos sem teto, praças de rituais, monumentos de uma engenharia ancestral que a própria floresta guardou em segredo por eras.

Esses desenhos na terra são o patrimônio cultural mais antigo e grandioso de Capixaba. Eles provam que a nossa vocação para acolher e para transformar o espaço vem de longe, de um tempo onde o mapa do mundo era desenhado com valetas e fé.

É exatamente por isso que os geoglifos gritam por um novo destino: o da valorização e do turismo local.

Capixaba, que tantas vezes vê seus filhos partirem em busca de oportunidades em outros estados, tem sob os seus próprios pés uma mina de ouro cultural inexplorada. Valorizar os geoglifos não é apenas um capricho acadêmico de quem tem curso superior; é criar uma nova fonte de vida, orgulho e emprego para o município. É transformar a nossa ancestralidade em um mirante para o mundo.

Imagine o turismo arqueológico florescendo, trazendo viajantes de todos os cantos do planeta para contemplar a nossa história. O munícipe poderia ser o guia que aponta os caminhos do passado; as cozinhas que hoje guardam as vozes de trás do fogão poderiam alimentar os visitantes; e o artesanato local ganharia as formas geométricas dos antigos.

Olhar Capixaba pelo avesso é entender que o nosso desenvolvimento atual não precisa depender apenas do agronegócio ou do comércio da avenida principal. O futuro de Capixaba também pode ser desenhado resgatando o passado. Cuidar dos geoglifos, protegê-los do avanço cego das máquinas e estruturar o turismo ao redor deles é assinar um pacto de dignidade com a nossa própria terra. É mostrar ao mundo que Capixaba, além de ter o coração mais acolhedor do Acre, guarda em seu chão as chaves de um mistério que a humanidade inteira deseja decifrar.



CRÔNICA 28

Papai Noel de Saias: O Natal Solidário de Dona Estela

Há uma categoria de saudades em Capixaba que não se explica por números ou relatórios administrativos; ela se mede pela falta que certas pessoas fazem no calendário da cidade. Para a nossa "unidade reversa", que guarda a memória dos gestos mais puros deste chão, dezembro costumava ter um brilho diferente, um perfume de esperança que se concentrava na figura generosa e incansável de Dona Estela.

Falar do Natal em Capixaba, em um tempo não muito distante, era falar do Natal de Dona Estela. Ela era a tradução viva do acolhimento que a cidade carrega em seu DNA.

Enquanto a avenida principal seguia seu ritmo de comércio e as lavouras do campo se preparavam para o ciclo das chuvas, Dona Estela iniciava sua própria colheita, mas de solidariedade. Mobilizava os corações, costurava parcerias e organizava cada detalhe com a precisão de quem prepara um banquete para reis. E os reis da sua festa eram, justamente, os mais humildes.

No dia da grande festa, o cenário se transformava. Crianças vindas dos bairros mais simples da dinâmica urbana e rural formavam uma fila de rostos ansiosos e olhos brilhantes. Para muitos daqueles meninos e meninas, o único brinquedo do ano vinha das mãos dela. Receber um presente de Dona Estela não era apenas ganhar um carrinho de plástico ou uma boneca de pano; era receber um atestado de que eles eram vistos, amados e importantes. O sorriso desdentado e o abraço apertado das crianças eram a moeda de troca que pagavam todo o cansaço daquela jornada.

Mas não era só isso, Dona Estela sabia que a dignidade da infância caminha junto com o prato cheio em casa. Por isso, a festa não se resumia aos brinquedos. As famílias, muitas que lutavam diariamente contra a escassez do mercado de trabalho estreito, recebiam suas cestas básicas. Era o alimento que garantia a ceia farta, o feijão cozido sem pressa e a certeza de um final de ano sem o fantasma da necessidade rondando a mesa.

Hoje em dia, a festa não acontece mais. O silêncio que tomou o lugar daquela algazarra bonita de dezembro é uma das ausências mais sentidas

de Capixaba. A falta do Natal Solidário de Dona Estela nos lembra de como aquela era uma época bonita, onde o sentido de comunidade se manifestava de forma palpável, sem palcos ou vaidades, apenas pela pura vontade de fazer o bem.

Fica na memória de quem viveu, e nos olhos de quem hoje já é adulto e um dia esteve naquela fila, a lembrança doce de um tempo em que Capixaba tinha o seu próprio anjo natalino. Dona Estela pode ter parado suas festas, mas o rastro de amor que ela deixou escrito nas páginas deste município é eterno, provando que a maior riqueza de uma terra sempre será a capacidade de sua gente cuidar uns dos outros.

O Livro de Chão e Folhas: Considerações Finais de uma Unidade Reversa

Ao fechar este relato, a nossa "unidade reversa" percebe que a maior das constatações não cabe em nenhum índice ou parágrafo conclusivo. A verdade é que Capixaba não é apenas um município que abriga histórias.

Capixaba é, em si, um livro aberto.

Cada detalhe desta terra é uma página viva, densa de cultura, traços sociais e miudezas cotidianas. Se você caminha pela dinâmica urbana, o livro se escreve na eletricidade compartilhada de um poste no calçadão, nas frentes de casas enfeitadas por primaveras humildes ou na bica de silêncio guardada pelo muro verde na rua da UBS. Se você se embrenha na dinâmica rural, a escrita ganha a textura do vento fresco que balança as mangueiras, a urgência mansa do cantar do galo e o misticismo profundo que ronda as curvas do Ramal Brasil-Bolívia.

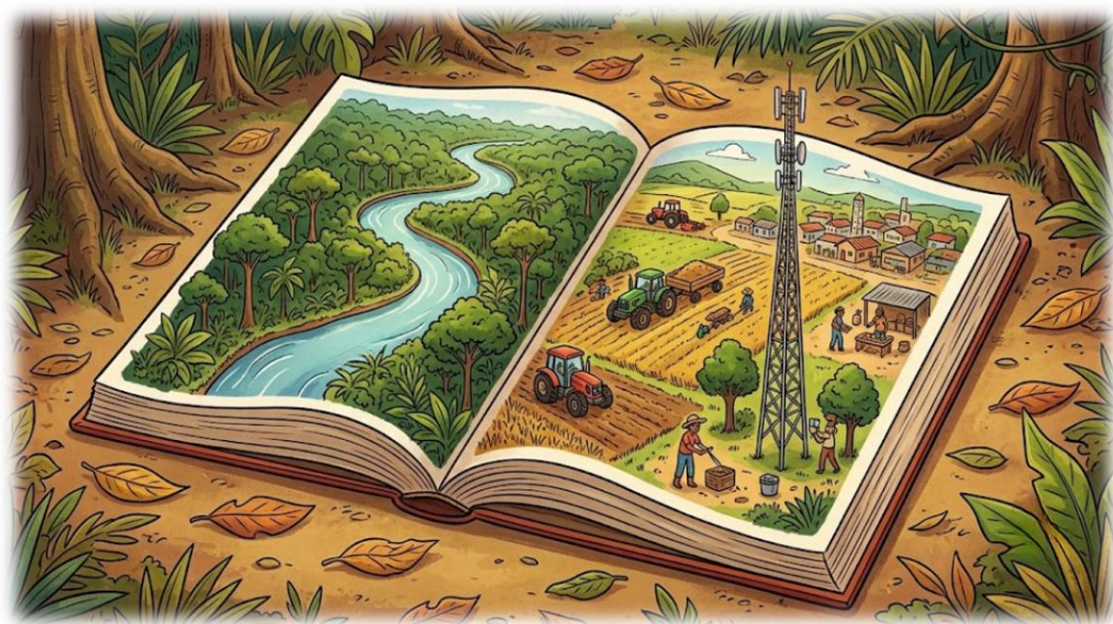
Desde os primórdios, quando os primeiros desbravadores riscaram o chão da floresta e fincaram as bases desta comunidade, até o desenvolvimento atual, marcado pelo ronco dos tratores do agronegócio e pela imponência da torre de telefonia que desafia o céu, Capixaba tem sido um território de síntese. Uma terra que sabe conciliar a modernidade que chega com a tradição que resiste na caderneta de papel de alguns comerciantes ou no estalo seco do dominó na casa de Seu Damião.

Contudo, é preciso que o leitor saiba: estas crônicas não esgotam o município. Elas são apenas um punhado de páginas arrancadas de um volume infinitamente maior. São apenas um pouco de Capixaba.

A verdadeira obra-prima continua lá fora, sendo reescrita a cada amanhecer pelo abraço da irmã mais velha, pela paciência dos pescadores no barranco do Rio Acre, pela coragem dos que ainda cruzam o pasto do Cachimbo de Aço e pela saudade ardente dos filhos que precisaram partir, mas deixaram o coração fincado neste solo.

Olhar Capixaba pelo avesso é entender que a literatura de não-ficção criativa nunca dará conta da totalidade da vida. Mas, se estas poucas páginas conseguirem fazer com que você, leitor, feche este e-book e

passa a olhar para cada esquina, cada ramal e cada morador com o respeito e o espanto que se dedica a um patrimônio sagrado, então a "unidade reversa" terá cumprido o seu papel. O resto da história não se lê no papel; se vive e se descobre caminhando no compasso manso deste pedaço inesquecível do Acre.





Um Convite Para Escrever

Quem caminha por Capixaba com os olhos atentos sabe que a nossa cidade é um livro aberto, cujas páginas são escritas diariamente. Não são os relatórios oficiais ou as estatísticas que dão alma a este chão; são as pequenas histórias invisíveis que acontecem em cada esquina, em cada ramal e em cada quintal.

Guiado pela nossa 'unidade reversa' que nos ensina a olhar nossa gente além das aparências, agora é a sua vez. A palavra está com você. O convite está feito: crie a sua própria crônica sobre a Capixaba que só você vive, sente e conhece.

Sua crônica pode nascer de qualquer um desses cenários:

A Vida nos Ramais: O trabalhador que vence a neblina da madrugada, o barulho da enxada na terra, a travessia das pontes de madeira ou a calmaria que o abraça na volta para casa.

O Aconchego do Lar: A história daquela dona de casa, vizinha ou parente sua, que, assim como a Dona Liquinha, mantém a porta encostada e o café pronto, fazendo da casa um porto seguro para quem a visita.

A Juventude e a Cidade: O olhar dos jovens que caminham pela praça, que sonham alto, que enxergam o futuro além da linha do horizonte e que, às vezes, buscam a vertigem de olhar as coisas por outro ângulo.

As Memórias Guardadas: A saudade de festas que marcaram época, de personagens queridos que já se foram, ou daquele tempo em que a estrada de seringa era o único caminho possível.

Pegue a Caneta, o Celular e Escreva!

Ninguém sabe traduzir o calor de Capixaba melhor do que quem sente esse sol na pele todos os dias. Escrever é um ato de partilha. Não se preocupe com palavras difíceis ou regras rígidas. A crônica mais bonita é aquela que se veste de simplicidade, que fala com o coração e que resgata a verdade do nosso cotidiano.

Conte a sua história. Revele a Capixaba do seu ponto de vista. Seja no papel de pão, no bloco de notas do celular ou em uma folha de caderno: registre a sua vivência. Afinal, a história do nosso município é bonita demais para ser contada por uma voz só.

Escreva, meu povo, escreva! Mostre ao mundo o avesso e o direito do lugar que você escolheu para viver.

THE END... *Só Que Não!!!*

Se a gente aprendeu alguma coisa com a "unidade reversa", é que a vida e as histórias desta terra não aceitam um "fim" definitivo. Elas continuam correndo soltas nos ramais, nas calçadas e na memória de quem guarda o leito, esperando a próxima tarde de sol para serem reescritas.

Até a próxima, caro leitor!